Questionar o racismo ambiental entre ruínas e(m) paisagens mais que humanas no Parque do Goiabal

Karen Daniela de Sousa Custódio
Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, Brasil
karen.custodio@ufu.br

Victória dos Santos Queiroz
Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, Brasil
victoria_qrz@ufu.br

Tiago Amaral Sales
Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, Brasil
tiagoamaralsales@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe231548

O que pode um corpo que se coloca a questionar o sistema colonial capitalístico (Rolnik, 2018) e suas ramificações neoliberais em torno de nossas vidas? De que maneiras a arte e a educação nos movimentam a pensar e a agir entre racismos, mudanças climáticas e desastres ambientais? Como podemos cultivar modos de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019)? A partir destes questionamentos, nós – duas estudantes negras cisgêneras estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, e um professor branco cisgênero professor neste mesmo curso – nos colocamos atentas e atento às possibilidades de experimentar, em um processo formativo, escritas, performances e imagens em um ensaio visual engajado problematizador e propositivo.

Tal inspiração surgiu nas discussões que ocorreram na disciplina Biologia e Cultura, componente obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, Campus Pontal, uma disciplina ministrada pelo terceiro autor deste texto que tem buscado "[...] levar a sério a potência das artes para movimentar a educação em ciências e biologia, para questionar os conhecimentos científicos e seus entrelaçamentos contemporâneos, para permitir sentir, escutar e agir no mundo" (Sales, 2024a, p. 18).

Assim, as duas primeiras autoras decidiram realizar um ensaio fotográfico e performático em meio às ruínas de uma Área de Proteção Ambiental (APA) conhecida popularmente como Parque do Goiabal, localizada na cidade de Ituiutaba – MG – Brasil.[1] Esta APA é um dos únicos

[1] Diferentes ações e investigações têm sido realizadas no Parque do Goiabal, como é exemplo o trabalho do geógrafo e professor Rildo Costa (2012), o qual evidencia a diversidade biológica e geológica daquele local, além de ressaltar problemáticas ambientais já evidentes naquele período de pesquisa – as quais cremos ter se modificado e, quiçá, intensificado nos anos que se seguiram à publicação de seu artigo. Mais de dez anos atrás, Costa (2012, p. 81) já alertava que é importante que sejam desenvolvidas "[...] políticas públicas acerca dessa área, visando o bem-estar da população e a preservação/conservação do Parque do Goiabal trazendo também uma melhor qualidade de vida para

espaços remanescentes do bioma Cerrado ainda parcialmente preservados numa região intensamente marcada pela exploração agropecuária. Apesar da importância do Parque do Goiabal para a cidade e a região do Pontal do Triângulo Mineiro, ele foi abandonado pelas últimas gestões municipais. Suas estruturas encontram-se depreciadas e sem reparo. Além disso, a área sofre com o descarte de lixo e com a sensação de insegurança, o que compromete a permanência em seus espaços. Diante do descaso do poder público com o Parque do Goiabal, uma série de pessoas preocupadas com práticas ecológicas e com educação criaram o Coletivo Goiabal Vivo, o qual integramos.[2]

Entendemos que o abandono contínuo do Parque do Goiabal demonstra de forma explícita a manifestação do racismo ambiental, um fenômeno estrutural que atinge comunidades marginalizadas.[3] Reconhecemos também que o racismo ambiental é indissociável do avanço do agronegócio que ameaça vidas humanas e não humanas de maneiras desproporcionais e dos mecanismos de produção de conhecimento científico que buscamos apontar e criticar neste ensaio. Neste ensaio, materializamos experimentações artísticas movidas por corpos negros preocupados não somente em denunciar as perversas engrenagens racistas e coloniais, mas também em engendrar saídas possíveis em paisagens mais que humanas. Assim como Donna Haraway (2022, 2023), que nos convoca a ver a natureza indissociavelmente unida à cultura, acreditamos que as paisagens desse tempo que vem sendo chamado de Antropoceno demandam uma habilidade responsiva comprometida com o mundo. Essa habilidade responsiva é fundamental para que possamos continuar criando mundos em meio às paisagens repletas de ruínas, tal como nos ensina Anna Tsing (2019).

A atual condição planetária nos surpreende e machuca. Os enredamentos do Antropoceno nos ameaçam. O único caminho parece ser o fim do mundo. Mutações climáticas, crises ambientais, negacionistas científicos são as novas constâncias do nosso tempo, como bem ressalta o antropólogo Bruno Latour (2019). Povos humanos e não humanos retirados de suas terras, devastados, dizimados… tudo em nome do "progresso", do "desenvolvimento", do "futuro". Ausências, vazios, precarizações, violências, segregações. Tramas que findam existências. Corpos negros, femininos, pobres, dissidentes de gênero e sexualidade, com deficiência… todos em risco. Também as áreas ambientais, os animais não humanos, as plantas e os fungos, as existências mais

---

a população e tendo como fins a educação ambiental e o lazer capazes de estabelecer uma harmonia entre as necessidades da sociedade e as da natureza". Entretanto, ainda hoje, percebemos a ausência de posturas que levem a sério o cuidado dessa área e dos seres humanos e não humanos que com ela se relacionam.

[2] Vinculado à Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, o Coletivo Goiabal Vivo é uma organização de pessoas que trabalham em prol do cuidado do parque, movimentando atividades de ensino-pesquisa-extensão ligadas às questões ecológicas e à educação. Para mais informações, indicamos o acesso à página Instagram do coletivo: < https://www.instagram.com/goiabalvivo/>. Acesso em 10 mai. 2025.

[3] Compreendemos que o racismo ambiental no Brasil está ligado ao que a pesquisadora Cida Bento (2022) define como racismo institucional, um processo que se alinha ao pacto da branquitude e afeta diretamente vidas de corpos racializados em diferentes espaços. Em concomitância com estas discussões, o pesquisador anticolonialista Túlio Barbosa (2023, p. 20) afirma que "O racismo é o ponto decisivo de organização do capitalismo para que a classe trabalhadora seja classificada ideologicamente e com isso constitui caminho de opressão". Nesse caminho, o teórico negro Frantz Fanon (2008, p. 15) ressalta que "[...] o racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele", ou seja, esse fenômeno molda a forma na qual sujeitos se apresentam diante da vida, se relacionam, se apropriam de si, de seu corpo e de sua ancestralidade.

que humanas. E nós, como podemos nos situar e nos posicionar? Talvez seja preciso que nos aterremos, enquanto seres terrestres, neste tempo tão complexo e sinuoso (Latour, 2019).

Como o pensador indígena brasileiro Ailton Krenak (2019) nos lembra, "[…] pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos". Inspirados por ele, temos acreditado que é possível tangenciar ecologias decoloniais (Ferdinand, 2022) e aprendizagens antirracistas nas movimentações entre artes, ciências e educação e que essas movimentações têm a potência de nos afastar desses pessimismos paralisantes que olham apenas para o fim do mundo. Assim, temos proposto práticas para experimentar com as artes na formação de professores e de professoras de ciências e biologia. Tudo isso pode parecer banal, mas não é: são maneiras de levar a sério o nosso engajamento com estas questões, com estas paisagens e seres, conosco e com o mundo; criando juntos e saindo da inércia, nos movimentando na procura por fugas possíveis para, a um só tempo, adiar o fim do nosso mundo – como propõe Krenak (2019) – e, quiçá, adiantar o fim de mundos que não cabem mais (Sales, 2024b). Essas experimentações são modos de cultivar com práticas artísticas, científicas, educativas engajadas com habitar respons-habilmente um mundo em ruínas, são modos de articular educações que cultivem o cuidado de si e o bem-viver (Sales; Rigue, 2022), de trabalhar com formações docentes como obras de arte (Sales, 2024a) que se façam em metamorfoses (Rigue; Sales; Dalmaso, 2024). Em suma, experimentar com as artes na formação de professores ajuda a posicionar as ensinagens e aprendizagens em ciências na/com a/em meio à vida (Sales; Rigue; Dalmaso, 2023).

Tudo isso reverbera com o que o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023) nos ensina sobre confluência e sobre a urgência de prestarmos atenção em prática de saberes aquilombados, orgânicos, circulares, a serem compartilhados, não vendidos. Essa perspectiva é um convite para enredarmos os conhecimentos populares e as nossas ancestralidades em confluências com saberes científicos, com afetos artísticos, com mobilizações educativas, sempre em perspectivas contracoloniais. É justamente isso o que Isabelle Stengers (2023) também nos convoca a experimentar: relações cosmopolíticas com as ciências para curar tantas feridas capitalistas; desacelerando, inclusive, os nossos processos que movimentam as nossas formações e trabalhos acadêmicos, científicos e educativos.

Neste ensaio buscamos uma ruptura da forma construída historicamente dos sujeitos subalternizados se enxergarem e se posicionarem no mundo. Assim, a oralidade, a indocilidade, as artes, o diálogo com as ciências e a educação se apresentam como confluência de saberes e práticas, de movimentos capazes de experimentar caminhos possíveis. Essas são nuances que fissuram tramas racistas e genocidas, que permitem sonhar e criar relações sensíveis com a Terra/terra[4] e com os seres humanos e não humanos, mesmo em tempos de mudanças climáticas e desastres ambientais.

Caminhando pelos arredores do Parque do Goiabal, aprendemos como tal espaço faz parte da comunidade ao entremear-se com pessoas, plantas, bichos e uma paisagem que difere do restante da cidade tão impactada pelo capitalismo neoliberal. Assim, acreditamos que o contato

[4] Grafamos Terra em maiúsculo em referência ao nosso planeta, e terra em minúsculo em referência ao solo que habitamos e compomos.

com o parque, com os seres que lá habitam e com suas histórias não foi apenas acadêmico-científico, mas também afetivo-criativo-formativo.

Utilizando uma câmera digital há anos abandonada, priorizamos enquadramentos que pudessem destacar a devastação, mas também evidenciar a resistência e re-existência possível. A confluência de saberes populares, artísticos e científicos possibilitou fazer da performance e da fotografia instrumentos de visibilização, de memória e de reconexão com a ancestralidade de um espaço que é tão nosso quanto somos dele. O nosso ensaio deseja provocar, problematizar, propor. Eis o corpo negro experimentando modos de performar para viver, resistir, se engajando com o mundo em meio às suas ruínas, persistindo.

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 1: Alvo.

Que corpo é esse?

Marcado e aprisionado na agonia dos navios negreiros às ruínas da subalternidade

Que corpo é esse que acumula cicatrizes e marcas externas em sua identidade?

Que existência é essa que foi desterritorializada, que construiu e resistiu saberes e viveres apropriados e não legitimados?

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 2: Que cor permite produzir saberes validados?

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 3: Garganta: se pintar não muda as "verdades" que precisam ser ditas.

Esse corpo o jaleco não veste... tão limpo, branco e higienizado

Esse corpo é objeto de estudo dos que possuem o saber cientificamente validado

Poderia ser também protagonista?

Esse corpo não tem dor, fome, vontade, intelecto e passado?

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 4: Olhar algo maior, apagar imposições demasiadamente humanas, brancas, coloniais.

Sem espaços, oco, escondido, submetido a escrutínios

Um corpo precisa se performar e se enquadrar

Um corpo também pode experimentar, brincar e ensaiar modos de escapar.

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 5: Parestesia social.

O colonialismo, o racismo e todos os seus tentáculos gritou, determinou e achou que ganhou

Mas a vida é grande, a nossa ancestralidade é forte e a natureza insiste em nós.

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 6: Ruínas marginalizadas, margens a serem ocupadas.

© CUSTÓDIO, QUEIROZ & SALES, 2025.

Imagem 7: Brechas: naturezas-culturas resistindo em ruínas.

Em coletivos mais que humanos, mesmo nas ruínas do Antropoceno

Esses corpos resistem e lembram que nós somos, que nós estamos

E que nossos saberes vamos compartilhar para outros mundos criar.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Tulio. 2023. *Manual anticolonialismo: V. 1 – A construção do colonialismo hoje*. São Paulo: UICLAP.

BENTO, Cida. 2022. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Cia. das Letras.

COSTA, Rildo Aparecido. 2012. Análise biogeográfica do Parque Municipal do Goiabal em Ituiutaba-MG. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 1, n. 33, p. 68–83. https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2042

FANON, Frantz. 2008. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA.

FERDINAND, Malcom. 2022. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.

HARAWAY, Donna. 2023. *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. São Paulo: n-1 edições.

HARAWAY, Donna. 2022. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: UBU Editora.

LATOUR, Bruno. 2020. *Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar Tempo.

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral; DALMASO, Alice Copetti. 2024. Metaformoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1465–1496. 10.14393/REVEDFIL.v37n81a2023-64408

ROLNIK, Suely. 2018. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

SALES, Tiago Amaral. 2024a. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. e31/1–31. https://doi.org/10.5902/1983734888089

SALES, Tiago Amaral. 2024b. Diante do Antropoceno: educações para viralizar mundos possíveis. *Criar Educação*, Criciúma, v. 13, n. 3, p. 350-373. nov.http://dx.doi.org/10.18616/ce.v13i3.8306

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. 2022. Entre o cuidado de si e o bem viver: porvires possíveis para a vida e a educação em meio às pedagogias pandêmicas. *Humanidades & Inovação*, v. 9, p. 111-128. https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6644.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. 2023. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. *Educação e Realidade*, v. 48. https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vs01

SANTOS, Antônio Bispo dos. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

STENGERS, Isabelle. 2023. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

sobre os autores

Karen Daniela de Sousa Custódio
Licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Anticoloniais da UFU. Integrante, artista e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo.

Victória dos Santos Queiroz
Licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Atriz pela @artejucana. Fotógrafa e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo.

Tiago Amaral Sales
Professor Assistente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Líder do grupo de pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): habitAR: Grupo de estudos e pesquisas em educação, ciência e vida. Integrante do Coletivo Goiabal Vivo.

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como pela sua redação.

Agradecimentos: Agradecemos às pessoas que integram o Coletivo Goiabal Vivo, lutando pelo cuidado do Parque do Goiabal e por ações com as ciências, as culturas e a educação que possam não apenas resistir às lógicas capitalistas neoliberais, mas também criar outros caminhos possíveis para adiar o fim do nosso mundo. Agradecemos também, em especial, ao professor Lucas Rocha pelo apoio para pensar nas

questões que dizem respeito ao diálogo entre o Coletivo Goiabal Vivo e à gestão municipal do parque.

Recebido em: 22/12/2024.
Aprovado para publicação em: 14/03/2025.